



A ESCOLARIZAÇÃO NA EJA NA PERSPECTIVA DE GRAMSCI E FREIRE

BENEDITA DAS GRAÇAS SARDINHA DA SILVA

¹ Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA), Professora da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental; Professora da Educação de Jovens e Adultos do Campo, Integrante do Grupo de Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (UFPA). E-mail: sardinhadousj@yahoo.com.br

MARINILDA CORREA SARDINHA

² Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA), Professora da Educação Básica Municipal, Vice-líder do Grupo de Pesquisa Memória, Formação Docente e Tecnologia (UFPA). E-mail: nilda_correa16@hotmail.com;

MARIVANE SILVA DE ALCANTARA

³ Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Pará (PPGED UEPA); Integrante do grupo de pesquisa CASADINHO (UEPA/PUC-RIO). E-mail: marialcantaragj@gmail.com

Eixo Temático 2:

Sujeitos da educação de jovens e adultos: identidade, diversidade e vulnerabilidade

RESUMO:

Quais as contribuições de Gramsci e Freire para a Educação de Jovens e Adultos? Esta foi a indagação que deu origem a realização desta pesquisa. A busca em aprofundar esta questão e compreendê-la dentro de um contexto tão complexo é uma tarefa que pode contribuir para a elaboração de diretrizes para a construção de uma educação igualitária a todos. Dessa forma, temos como objetivo analisar as contribuições de Gramsci e Freire para a escolarização e emancipação dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. Por se tratar de uma pesquisa na área da educação e, sendo esta um campo que discute questões pertinentes as relações humanas que se dão em determinado contexto social, a abordagem da pesquisa é a Qualitativa. Além disso, a pesquisa é de cunho bibliográfico e utiliza, principalmente, as concepções de Freire e Gramsci a respeito da educação, bem como de autores que discutem e compartilhem as ideias dos referidos autores sobre a Educação de Jovens e Adultos. Acreditamos que esta pesquisa contribuirá para a discussão a respeito da educação de jovens e adultos possibilitando, ainda, a reflexão e construção de princípios educacionais fundamentais para as mudanças das práticas educativas em sala de aula.

Palavras-chave: EJA; Escolarização; Emancipação; Dialogicidade.

INTRODUÇÃO

No contexto educacional atual observamos cada vez mais investigações que trazem como propostas uma educação que respeite as especificidades dos sujeitos,



independentemente de sua localidade, classe social, cultura, credo religioso, entre outros aspectos. Inclusive no aspecto relacionado à formação inicial e continuada dos professores, que, em especial na Educação de Jovens e Adultos, precisa está diretamente relacionada às especificidades inerentes aos sujeitos envolvidos nesta modalidade de educação.

Neste sentido, a busca em aprofundar questões que envolvem contribuições para a educação de jovens e adultos, compreende-las dentro de um contexto tão complexo é uma tarefa que pode contribuir na elaboração de diretrizes para a construção de uma educação igualitária a todos.

Segundo Gramsci (1995), questões como essas podem e devem ser aproximadas da concepção moderna de educação e de práticas pedagógicas que efetivamente envolvam alunos e professores, pois a relação entre professor e aluno é uma relação ativa e recíproca e, portanto, cada professor é sempre aluno e cada aluno é sempre professor.

Freire (2014) menciona que a experiência do indivíduo abre caminho para uma relação mútua entre os sujeitos educacionais. Para Gramsci (1995) todos os homens são intelectuais, mas nem todos usam sua intelectualidade para o bem social. Neste sentido, para esses autores a busca pela libertação do homem é semelhante a sua história, ou seja, para que se tenha uma relevância intelectual se faz necessário reconhecer e compreender o contexto social que está envolvido, onde seja capaz de produzir e compartilhar conhecimento, sendo a educação o alicerce da transformação social.

Diante disso, esta pesquisa tem como questão principal: Quais as contribuições de Gramsci e Freire para a Educação de Jovens e Adultos? E visa analisar as contribuições de Gramsci e Freire para a escolarização e emancipação dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos.

No que concerne a metodologia, por se tratar de uma pesquisa na área da educação e, sendo esta um campo que discute questões pertinentes as relações humanas que se dão em determinado contexto social, a abordagem da pesquisa é a Qualitativa.

Como afirma Ludke e André (1986) a pesquisa qualitativa possui relevância à medida que permite ao pesquisador ficar frente ao objeto dentro de uma determinada realidade. E ainda, permite coletar e analisar dados, conceituar e classificar as categorias e critérios que serão analisados de forma flexível, visto que os referenciais e as interpretações teóricas devem ocorrer concomitantes e permanentemente com a perspectiva de ampliar o olhar de quem estuda.



Segundo Anadon (2005) a pesquisa qualitativa estabelece o comprometimento do pesquisador com sua realidade e, ao mesmo tempo, abre espaço na superação positivista, com diálogo permanente entre o sujeito que pesquisa e o objeto pesquisado, numa interação contínua onde os atores envolvidos dão vida e comportamentos que se constituem como elementos da pesquisa e de construção de cidadania.

Além disso, a pesquisa é de cunho bibliográfico e utiliza, principalmente, as concepções de Freire e Gramsci a respeito da educação, bem como de autores que discutem e compartilhem as ideias dos referidos autores sobre a Educação de Jovens e Adultos.

CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Teoricamente, são inúmeras as discussões traçadas sobre a Educação de Jovens e Adultos, sejam em estudos e pesquisas e até mesmo em espaços formativos para os professores. Porém, quando voltamos nosso olhar para a prática em sala de aula muitos dos professores sentem dificuldade em planejar suas aulas e fazer escolhas relacionadas a que linha de pensamento seguir para atender as perspectivas dos alunos.

Dessa maneira, muitos professores acabam repetindo o mesmo modo de ensinar por anos sem ao menos refletir sobre a sua prática pedagógica contribuindo, diversas vezes, para o isolamento e/ou evasão dos alunos. O que acaba transformando a escola de um espaço de acolhimento a um espaço de repulsão dos alunos.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática [...]. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de por que estou sendo assim, mais me torno capaz mudar, de promover-me [...]. (FREIRE, 2015, p. 40).

Veiga (2008) ressalta que a formação é um processo inicial e continuado que deve dar respostas aos desafios do cotidiano escolar, pois o professor é um dos profissionais que mais necessita se manter atualizado, de modo que consiga aliar a tarefa de ensinar à tarefa de estudar. Neste contexto, as experiências de formação aliadas à prática docente são questões importantes para consolidar as experiências profissionais já que podem apontar para a necessidade de buscar respostas sobre a construção do saber-fazer que se dá por um constante processo de reflexão.



Como nos diz Freire (2015, p. 30-31) ensinar exige pesquisa, sendo assim:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar a novidade.

Em especial na educação de jovens e adultos, o professor deve estar preparado para lidar com alunos que apresentam especificidades diferentes de um aluno do ensino regular. São sujeitos que trazem para dentro da sala de aula saberes, culturas, ideias, identidades, enfim, uma diversidade de aspectos que não devem ser desprezados no processo de escolarização.

Por isso,

pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente. (FREIRE, 2015, p. 31).

Pensar, então, a Educação de Jovens e Adultos é frisar um repertório sólido de saberes prévios e de conhecimento formalizado estabelecendo um diálogo entre si a fim de garantir que os “diferentes” possam compartilhar espaços e ideias de modo dialógico e de respeito mútuo. Pois, para Freire (2014, p. 107) a “práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação”.

Segundo Freire (2014) tendo em vista que uma metodologia embasada apenas em uma educação tradicional já não é mais suficiente para formar sujeitos críticos e reflexíveis, torna-se imprescindível se utilizar uma metodologia que tenha como princípio a busca constante por conhecimentos, a troca de experiências, a pesquisa pelo mais. Sendo assim, o diálogo mostra-se como uma condição primordial para que se possa alcançar esta nova visão que, também, não deixa de ser uma investigação da realidade vivenciada por cada sujeito.

Partindo-se do diálogo é possível se conhecer a realidade dos sujeitos considerando a realidade local com seus conhecimentos tradicionais, no sentido de saberes e experiências tradicionais de determinado contexto social, mas sem desvincular essa realidade do contexto global e da diversidade cultural. Haja vista, que não há mais acontecimentos que são totalmente isolados e nem realidades homogêneas.

De acordo com Freire (2014) a partir do contato com essa realidade é que se é possível alcançar a transformação da realidade por meio da denúncia e da pronúncia do mundo. Gerando-se os conflitos e a consciência de luta por liberdade, da luta contra a visão opressora,



alienante. No entanto, isso só é possível através do diálogo com os outros, de uma ação e reflexão coletiva que só é alcançável na e pela práxis.

Corroborando com essa reflexão Gramsci nos diz (1995, p.124 e 125)

A escola criadora não significa escola de “inventores e descobridores” ela indica uma fase e um método de investigação e de conhecimento, e não um “programa” predeterminado que abrange à inovação e à originalidade a todo custo. Indica que a aprendizagem ocorre notadamente graças a um esforço espontâneo e autônomo do discente, no qual o professor exerce apenas uma função de guia amigável, como ocorre ou deveria ocorrer na universidade. Descobrir por si mesmo uma verdade, sem sugestões e ajudas exteriores, é criação (mesmo que a verdade seja velha) e demonstra a posse de métodos; indica que, de qualquer modo, entrou-se na fase da maturidade intelectual na qual se pode descobrir verdades novas.

É fundamental que as escolas possam propor práticas que possibilitem a autonomia e a iniciativa dos sujeitos envolvidos. Com isso, a Educação de Jovens e Adultos requer um olhar diferenciado para as práticas pedagógicas trabalhadas em sala de aula, de modo a envolver o contexto de vida dos alunos, sua compreensão acerca dos aspectos sociais, políticos que o rodeiam e também o conhecimento de teorias educacionais com base significativa para o aperfeiçoamento e êxito no trabalho desenvolvido nas diversas esferas da Educação de Jovens e Adultos.

Neste sentido, Gramsci (1995, p. 118) defende uma “escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimemente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual”. Em outras palavras, Gramsci considera que devemos educar nossos alunos numa perspectiva política e ideológica de modo a que possamos educá-los para a vida, o que é fundamental não só para os alunos da EJA, mas para todos os sujeitos das diferentes modalidades de ensino.

Oliveira (2006, p. 91) contribui dizendo que “Gramsci contribui para as concepções dialéticas de educação ao enfatizar a educação como estratégia política e fator de transformação social e delimitar os pressupostos da escola única”.

De acordo com Gramsci (1995, p. 121):

A escola unitária ou de formação humanista (entendido este termo, “humanismo”, em sentido amplo e não apenas em sentido tradicional) ou de cultura geral deveria se propor a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a um certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa.

Isto é, devem-se formar alunos integralmente capazes de lidar com diferentes situações da vida cotidiana, sejam elas teóricas como práticas, que tenham autonomia na tomada de



decisões e que sejam críticos e reflexivos. Para tanto, isso só será possível quando os professores deixarem de considerar seus alunos como meros sujeitos passivos, “assim, retorna-se à participação realmente ativa do aluno na escola, que só pode existir se a escola for ligada à vida” desse aluno. (GRAMSCI, 1995, p. 133).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve o intuito de analisar as contribuições de Gramsci e Freire para a escolarização e emancipação dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. Para tanto discutimos aspectos que podem ajudar no processo de escolarização e de uma educação promova o espírito crítico, reflexivo, autônomo tanto por parte de alunos como de professores.

Diante disso, discutimos que a importância da formação do professor. Consideramos, como nos diz Freire (2015, p. 47, grifos do autor), que um dos primeiros princípios formadores que o professor deve ter é “*saber que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção*”. E saber, ainda, que este processo não se dá apenas por um único sujeito, o professor, mas sim se estabelece em um processo dialógico que envolve tanto o professor quanto alunos, de modo que haja uma relação mútua entre educador e educando no que se refere ao princípio de que quem ensina aprende e quem aprende ensina.

Além disso, o professor deve se manter atento para que não reproduza, segundo Freire (2014, p. 82), uma concepção “bancária” em que o professor, único e soberano, considera a educação como “o ato de depositar de transferir, de transmitir valores e conhecimentos”. Pois, pensamos em uma educação e escolarização para os jovens e adultos que não veja os alunos como seres da adaptação e do ajustamento, mas que crie possibilidades para que adquiram uma consciência crítica de sua aprendizagem, do seu lugar no mundo, que se tornem transformadores de sua realidade, uma educação problematizadora.

Sendo assim, os professores devem estar atentos de modo a distinguirem as duas concepções e as duas práticas de educação que podem ou tornar os alunos passivos, alienados, ou que podem tornarem-se conscientes, críticos e reflexivos:

A “bancária”, por óbvios motivos, insiste em manter ocultas certas razões que explicam a maneira como *estão sendo* os homens no mundo e, para isto, mistifica a realidade. A problematizadora, comprometida com a libertação, se empenha na desmitificação. Por isto, a primeira nega o diálogo, enquanto a segunda tem nele o



selo do ato cognoscente, desvelador da realidade. (FREIRE, 2014, p. 101, grifos do autor).

De acordo com a concepção de Gramsci sobre a educação devemos ter a consciência de que a educação deve ser vista de maneira igualitária, em que todos devem ter acesso a ela, sem restrições de classe, cor, credo etc. A educação deve, então, assumir um caráter político e filosófico no sentido de considerar as características e especificidades dos sujeitos envolvidos nesse processo, além de desenvolver nesses sujeitos uma cultura geral, bem como educá-los para a vida em sociedade.

Podemos dizer, de modo geral, que o que se observa na educação de jovens e adultos são modelos educacionais precários e um currículo deslocado do contexto sociocultural dos alunos gerando, como consequência, turmas cada vez mais vazias, alunos desinteressados e desestimulados. Desse modo, é importante ressaltar a importância de trabalhar nesta modalidade de educação a partir da própria especificidade inerente a ela, em que se possa dialogar com os sujeitos visando contribuir para uma escolarização efetiva e significativa capaz de promover a emancipação dos sujeitos.

Portanto, acreditamos que esta pesquisa contribuirá para a discussão a respeito da educação de jovens e adultos possibilitando, ainda, a reflexão e construção de princípios educacionais fundamentais para as mudanças das práticas educativas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANADON, Marta. **Formação, Pesquisa e Desenvolvimento em Educação**. Salvador: UNEB/UQAC, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**; tradução de Carlos Nelson Coutinho. 9ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Filosofia da educação: reflexões e debates**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. p. 82-91.



ALFAEJA

II Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

VEIGA, Ilma. **A docência como atividade profissional**. In.: VEIGA, Ilma; D'AVILA, Cristina (orgs.). Profissão docente: novos sentidos novas perspectivas. São Paulo: Papirus, 2008. p. 13-21.